



CURRÍCULO E AVALIAÇÕES EXTERNAS NO BRASIL

Bárbara Conceição da Silva ¹

INTRODUÇÃO

É notável a problemática pela qual passa a escola envolvendo diferentes dimensões como a formação de professores, a qualidade da educação, a avaliação, o currículo, a universalização da escolarização etc. Atualmente, fala-se na “política de qualidade total” para todos e a universalização do ensino, viabilizando a igualdade de acesso e oportunidades à educação. Esses planejamentos vêm impulsionando nos currículos dos sistemas educativos, diferentes programas de avaliação. Assim, possa ser que o objetivo seja uma melhora cabal na formação geral dos estudantes. Para Afonso (2014, p. 488-489), “são justamente estas políticas que [...] têm recuperado as velhas fórmulas dos exames nacionais, e [...] que continuam a remeter a avaliação, em geral, e os testes em larga escala [...] que valorizam apenas determinados conteúdos curriculares”.

Há alguns anos o Brasil adotou em suas políticas educacionais essas avaliações externas. Esses podem ser chamados de avaliações em larga escala, exames padronizados ou, ainda, exames externos. Os principais atualmente são: ENEM, SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica), Prova Brasil e a avaliação do IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica); cada um desses avalia uma etapa da educação básica. Os governantes acreditam que, para uma qualidade total da educação, seja necessário a aplicação desses exames e, que, através de seus resultados possam traçar metas e estratégias para melhoria da mesma. Alguns resultados, de acordo com o alcance de metas, influenciam no salário dos docentes. Mas, também acarretam um maior número de evasão escolar.

O fracasso tende a ser significado como responsabilidade do sujeito aprendente. Por outro lado, com o parâmetro avaliação essa responsabilidade se desloca para o processo e acaba recaindo no sujeito que ensina, na medida que caberia a ele planejar o ensino e adequá-lo às condições do educando. Mas, nos dois casos o fracasso, a

¹ Professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental SME/RJ - SME/D. de Caxias - RJ, babix967@gmail.com;



ineficácia da aprendizagem, ou do ensino, é o que impede o alcance da plenitude cidadã. (OLIVEIRA; PEREIRA, 2019, p. 27).

A avaliação também é pensada como um instrumento de medida que serve como parâmetro para o sistema de aprovação ou reprovação e que a padronização não agrega a diversidade, contradizendo a escola/educação para todos. A perspectiva de acesso e permanência das classes trabalhadoras nestes espaços é um desafio que envolve a análise desses exames. “No entanto, defendo a posição de que a diferença é constitutiva, intrínseca às práticas educativas, está no chão da escola [...], e atualmente está cada vez mais presente na consciência dos educadores e educadoras.” (CANDAU, 2011, p. 242).

A motivação que nos conduziu ao tema deste trabalho é marcada por um cenário educacional onde professores e alunos são expostos a uma diversidade de avaliações em larga escala e/ou testes padronizados, nas diversas etapas da Educação básica, adotadas e incluídas pelo Brasil, em sua agenda, há alguns anos. Segundo Lamarra e Marquina (2013, apud CALDERON; ROSADO; FRANÇA, 2019, p. 251), “Brasil, México e Argentina. [...] os três países modificaram suas regulamentações com base em uma agenda comum de reformas ocorrida na década de 1990, que incluía privatização, diversificação, avaliação e novas modalidades de financiamento.”

O tema de interesse refere-se à reflexão sobre a importância dessas avaliações dentro do currículo vigente de forma a favorecer e incluir a classe trabalhadora. Sendo assim, o questionamento que norteia este trabalho é: de que forma essa política de qualidade total da educação beneficiará a todos os grupos dessa sociedade com um perfil inteiramente multicultural? O apoio obtido para referenciar esse texto e refletir sobre esse questionamento foi em autores no qual suas ideias facilitam o entendimento dessa problemática educacional de tamanha dimensão que é o Currículo e a Avaliação. A pesquisa em questão é bibliográfica. Autores(as) como Miller, Afonso, Candau, Calderon, Rosado e França, Lévy, Oliveira e Pereira deram suporte para referenciar e elucidar o trabalho em questão.

A relevância desse trabalho se dá por trazer o Currículo e as diferentes formas de Avaliações em larga escala, já há alguns anos, adotadas pelo Brasil e incluídas em sua agenda. O interesse pelo assunto se dá por ser uma professora que também “está no chão da escola” (CANDAU, 2011), por esse motivo, também sofre retaliações devido à algumas políticas educacionais não condizentes com a realidade vivida na sociedade e, conseqüentemente, na educação escolar. O objetivo é analisar se essas avaliações externas e/ou teste padronizados



estão favorecendo realmente uma educação de qualidade total e para todos e identificar os resultados gerados no cotidiano. Abordar a concepção de Currículo e Avaliação sob uma visão humana do indivíduo, através de uma perspectiva e postura ética que dignifique o indivíduo, fortalecendo sua identidade em total respeito às suas diferenças e especificidades objetivando sujeitos inteiramente emancipados.

Há tempos temos em voga um currículo munido de “conteúdos” a serem “ensinados” dentro de uma perspectiva pedagógica tradicional que, conseqüentemente, “medirá” na maioria das vezes, através de testes padronizados, o saber do aluno. Para MILLER (2014, p. 2049), “muitos ainda definem currículo simplesmente como conteúdo ou curso de estudo”. Em relação aos criadores de testes e aqueles que os prescrevem, a autora diz que “suas abordagens diferem, em larga medida, de qualquer entendimento de currículo como tudo que habita, permeia e ocorre tanto dentro quanto fora da sala de aula” (MILLER, 2014, p. 2051). Entende-se, nesse contexto, que ela se refere ao currículo formal e ao currículo oculto; pois, ambos se completam no processo de ensino aprendizagem.

Considerar o currículo apenas como um portador de conteúdos e/ou matérias, no que tinge ao cenário educacional na atual situação da sociedade, torna-se um ato de absoluta ingenuidade. Pois, o que vivenciamos hoje, é uma sociedade totalmente afogada em um mar de informações e de comunicação incessante.

Lévy (1999, p. 20), diz que “vivemos um segundo dilúvio, esse informacional, que jamais cessará. Por esse motivo, temos que ensinar nossos filhos a nadar, a flutuar, talvez a navegar”. Baseada no autor, é tortuoso conciliar essa nova geração da era informacional e da comunicação a um currículo pedagógico e socioculturalmente arcaico, engessado e tradicional.

A avaliação, assim como o currículo, faz parte de uma problemática complexa e de grande dimensão. Quando se pensa em avaliação, geralmente, entendemos aquela realizada pelo professor ao avaliar a aprendizagem de seu aluno; ou seja, provas. Porém, ao avaliar a aprendizagem do estudante, o educador se auto avalia, avalia sua prática cotidiana e o processo ensino-aprendizagem; faz um feedback de sua trajetória pedagógica e, se for preciso, revê suas ações replanejando, para que os objetivos sejam alcançados.

Propõe-se lançar olhares outros para esse currículo de forma que o mesmo viabilize novas experiências, expectativas, promova a criatividade e autonomia para os estudantes assim como diversas competências, proporcionando êxito no desenvolvimento global dos mesmos; tal qual inovações para a instituição escolar e, conseqüentemente, para a sociedade e para a



humanidade. O trabalho possibilitou afirmar que os programas educacionais brasileiros que abarcam o currículo e as avaliações em larga escala, não contemplam toda a sociedade.

Nesse desenlace, evidenciou-se que a política de qualidade total e os exames padronizados do governo na visão de um currículo monocultural, não amparam todos os sujeitos. Nesse intuito, sugere-se que profissionais engajados, coletivamente, assegurem dentro da instituição escolar, um currículo multicultural e inclusivo em respeito às diversas formas de diferenças nessa sociedade plural.

METODOLOGIA

A pesquisa é de base bibliográfica. Foram realizados levantamentos bibliográficos de artigos e livros sobre a temática em disciplinas realizadas no curso de mestrado profissional, como mestranda e, também em Plataforma utilizada para tais recursos, como por exemplo, a CAPES. Entre as bibliografias elegidas, estão os(as) autores (as) Miller, Afonso, Candau, Calderon, Rosado e França, Lévy, Oliveira e Pereira. O trabalho foi desenvolvido através de uma leitura crítica do material selecionado. Segundo Gil (2008), a pesquisa bibliográfica é desdobrada com base em materiais já elaborados, como livros e artigos científicos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho produzido possibilita a certificação de que os programas baseados nas políticas educacionais do governo brasileiro, que abarcam o currículo e as avaliações em larga escala objetivando uma educação de qualidade total e para todos, realmente, não beneficiam e/ou favorecem grande parte da população. É possível perceber que um currículo monocultural, não pode abranger uma sociedade multicultural e multifacetada como a atual. Segundo Miller (2014, p. 2049), o currículo é muito mais que conteúdo ou curso de estudo. A autora diz ainda que os que criam e os que prescrevem os testes em larga escala, não entendem que currículo é tudo que habita, permeia e ocorre dentro e fora de sala de aula (MILLER, 2014, p. 2051). A partir disso, é possível entender que a autora esteja se referindo tanto ao currículo formal quanto ao currículo oculto; ou seja, ambos se fundem e se completam no contexto educacional. Dessa forma, quando se considera apenas o que ocorre dentro da sala de aula, admite-se que grande parte da sociedade não é contemplada ou acolhida.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos autores já citados que nortearam todo o processo da pesquisa, exerci uma reflexão mais aprofundada sobre a problemática educacional envolvendo o Currículo e as avaliações em larga escala adotadas pelos governantes brasileiros. A Avaliação em Larga Escala é uma realidade em diversos países; porém, é de suma importância que as mesmas sejam utilizadas para aprimorar a qualidade do ensino ofertado.

Propus-me então, a (re) pensar minha prática docente inovando-a. Lançar um olhar outro para esse currículo monocultural que não contempla a todos, ao contrário do que objetiva a política de acesso e qualidade total da educação e as avaliações em larga escala, ofertada pelo governo. Propõe-se dessa forma, o fortalecimento de ações autônomas e criativas com o intuito de potencializar o currículo, assegurando-o como um instrumento que seja, vivo, multicultural, emancipatório, dialógico, complexo, flexível, mutável, que respeite as diferenças e as particularidades de cada indivíduo, de cada região, de cada país, justamente por suas singularidades, resignificando-os. Juntamente com outros profissionais engajados, esse currículo idealizado pode viabilizar benefícios à educação e a toda população incluída nessa sociedade multifacetada. A construção coletiva leva à conscientização sobre o tema em questão, a fim de formar sujeitos emancipados, com identidades fortalecidas e uma consciência cidadã.

A escola é desafiada a se posicionar frente a revolução tecnológica, ao dilúvio informacional, se (re)inventar, romper com o seu caráter monocultural, dando fluência à mudança no perfil da educação para a geração futura que se espera. Segundo Candau, “todos e todas são chamados a participar do sistema escolar, mas sem que se coloque em questão o caráter monocultural presente na sua dinâmica, tanto no que se refere aos conteúdos do currículo, quanto às relações entre os diferentes atores” (CANDAU, 2011, p. 246).

Palavras-chave: Currículo; Avaliações externas; Multicultural



REFERÊNCIAS

AFONSO, A. J. Questões, objetos e perspectivas em avaliação. **Avaliação**, Campinas, v. 19, n. 2, 487-507, 2014.

CALDERON, A.-I.; ROSADO, C. B.; FRANÇA, C. M.; WANDERCI, M. Evaluación docente: concepciones, usos y tipos a partir de experiencias de universidades de México y Brasil. **Revista Internacional de Educação Superior**, v.4, n.2, 248-277, 2019.

CANAU, V. M. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. **Currículo sem Fronteiras**, Rio de Janeiro, v.11, n. 2, 240-255, 2011.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

OLIVEIRA, C. S.; VIDAL PEREIRA, T. Desconstruindo os mitos de avaliação na educação básica. In: BASTOS LOPES, D.; VIDAL PEREIRA, T. In: **Currículo e Diferença na Educação Básica: diálogos nos colégios de aplicação**. Rio de Janeiro: CRV, 2019. p. 23-34.

MILLER, J. L. Teorização do currículo como antídoto contra/na cultura da testagem. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 12, n. 3, 2043-2063, 2014.